

A Boquet d'Angeja

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 14500, 8 mezes 14000, 4 mezes 500, Brasil 30000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e ANNIBAL VASCO LEÃO

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

EXPEDIENTE

A redacção e administração d'este jornal, fica sendo de hoje em diante na rua dos Caldeireiros, n.º 250, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

A REDACÇÃO.

SUMMARIO

Agricultura.
Os Marquezes d'Angeja—Paula Quaresma.
Diversões (folhetim)—Makoum.
Noticiario.
Theatros do Porto—Talcave.

SECÇÃO LITTERARIA:

Austerlitz.
(C), poesia—Almeida Pinto.
Sonetillo—Vidal Oudinot.
Juizo e educação—R. S.
N'um album (poesia)—C. Guimarães.
Mixtos (poesia)—Vidal Oudinot.
No baile do Conselheiro—Almeida Pinto.
Devaneios (poesia)—Alberto da Rocha.
Amor e tristeza (poesia)—José Dordio.

ANGEJA, 27 DE ABRIL DE 1887

AGRICULTURA

COM immenso prazer vamos já alguns jornaes occuparem-se seriamente da nossa primeira industria. E' que todos comprehendem que a agricultura é a arteria mais

grossa do organismo social e que, enfraquecida ella, todas as vias d'ahi emanentes resentem-se, obliteram-se, e a consequencia d'isto evidencia-se, em breve, no fim a que se destinavam.

No estrangeiro, comprehende-se a sua importancia, pois que, todos os annos, os governos das nações cultas destinam em seus orçamentos verbas importantes n'este sentido—e esta questão constitue o thema de acaloradas e sensatas discussões nos seus parlamentos, terminando sempre por os respectivos governos decretarem medidas, que provoquem o estímulo e assegurem a protecção ás industrias nacionaes.

E' que todos conhecem perfectamente que uma nação, que não tem agricultura, nem industrias proprias portanto, é como um individuo paralytico que come pela mão de outrem, o qual d'um momento a outro, póde ser morto de fome.

Todos conhecem, sem duvida, o estado de esphacelo, verdadeiramente desolador, a que chegou a nossa vizinha Hespanha, sob Filipe 2.º, consequencia de este ter distraído a maior parte das forças vivas para as guerras da religião na Europa central, e ter permitido entrada facil aos cereaes americanos, que, conjuntamente com as importações coloniaes, vinham arruinar e substituir as produções indigenas. Este facto, tristemente edificante póde constituir uma lição para quasi todos os mais eminentes estadistas.

meia, como um habitué que sou de ha sete annos. O que alli tenho ouvido e observado, santo Deus! A rua do Ouro é como fonte perenne de novidades palpitantes...

A' noite, vou aos theatros de todos os generos, conforme o appetite; mas ás vezes prefiro ir tomar uma cerveja ao Jahnsen e a fresca nos bancos gratuitos da Avenida.

Em Lisboa o verão torna-se insupportavel e por este facto costumeo retirar-me no meado de maio para Bemfica, d'onde venho ás aulas se por ventura ainda não tenho perdido o anno por faltas.

Em Bemfica passa-se muito bom tempo: é uma terra cheia de arvoredo e quintas deliciosas, com passeios magnificos para a Porcalhota, onde ninguem deve deixar de pagar tributo ao celebre Coelho da Porcalhota; para Bellas, mais adiante, onde nos surprehende a luxurante vegetação da quinta do marquez d'este nome, notavel pela sua frescura, pelos arroyos que derivam por entre os troncos de arvores seculares; pelas harmonias e descantes dos rouxinoes; pelas suas fontes e grutas antiquissimas; pela sua serva emfim, onde se perdem aqui e alem entre o arvoredo as brancas capellinhas do Senhor da Serra...

Para os lados de Lisboa temos passeios igualmente formosos para Palhavã, Sete-Rios, para o Jardim Zoologico...

O governo portuguez, felizmente, possui tambem como tem já demonstrado, a comprehensão nitida do quanto é preciso fazer n'este sentido. Todos esperam d'elle o impulso e a protecção que a nossa agricultura urgentemente reclama. Que os ministros tem a pura convicção de corresponder á fundada e geral expectativa do paiz na resolução d'este e outros problemas difficeis, não nos resta duvida. Porém o que nós, para conveniencia de todos, queremos, é que o governo considere esta questão, urgente e capital e empregue os meios necessarios para bem a resolver.

Os decretos de criação das tres escholas practicas de agricultura, a central no districto de Coimbra e as outras, uma em Faro e a terceira na Regoa, já constituem um passo gigante no caminho encetado.

Os inimigos mais temiveis da agricultura e que urge combater de frente, são, certamente, a concorrência do estrangeiro que porfia suffocar a produção nacional e a corrente sempre constante e crescente da emigração que é uma arteria de forças vivas que se perde e vai na America ou outros pontos do globo ser utilizada no fabrico de productos cuja abundancia hade vir mais tarde prejudicar os nossos.

Os Estados Unidos, esse paiz que parece ter surgido, como por encanto, do seio das ondas para mostrar ao mundo o quanto póde o trabalho e a liberdade, constituem um exem-

De tarde, reuno-me a grupos encantadores de gentilissimas alfacinhas com quem faço córo em estrondosas risadas, que nos provoca este ou aquella que vemos passar e de quem a chronica conta umas coisitas...

E assim se passa o tempo n'uma vida mole, encantadora, de fazer saudades mesmo a quem tivesse um coração de pederneira, até que chegam os exames que eu nunca temi, porque meu pae estabeleceu-me o praso de vinte annos para tirar a carta da minha formatura.

Este é em geral o meu viver de Lisboa.

O mez de setembro e parte de outubro reservo-os para ir estar com meu tio Antonio da Cunha e Menezes, irmão de minha mãe.

Todos os annos vamos passar um mez á Foz do Douro, praia, por que meu tio tem singular predilecção e que está sendo muito concorrida das familias do Porto e Minho.

O tio Menezes enviuvou ha quinze annos e, como recordação da que escolhera para companheira da vida, ficou com uma filha, que hoje conta vinte e uma primaveras e é o retrato fiel da mãe em igual periodo de vida. Alta, elegante, typo correcto e sympathico, physionomia franca e sincera, olhar intelligente e in-

plo surprehendente de que os povos, que desejarem o seu progresso, tem forçosamente de ter por principal preocupação a sua agricultura.

OS MARQUEZES D'ANGEJA

OS titulos que herdara de seu pae foi o marquez juntandó successivamente os seguintes: gentil homem da real camara; deputado da Junta dos tres Estados, do Conselho da Rainha D. Maria 1.ª e do de guerra, tenente general dos exercitos, ministro adjunto ao despacho do gabinete, presidente do erario regio, e logar-tenente immediato á real pessoa, Governador da Torre de S. Vicente de Belem, inspector geral de toda a arrecadação das fazendas dos armazens da Guiné e da India, e do arsenal real da marinha, inspector geral das obras publicas, do plano da reedificação da Cidade, Comendador das Ordens de Christo e S. Thiago, Capitão general da armada dos galloes de alto bordo do mar Oceano.

Tendo adoecido em 1783 foi substituido no ministerio pelo seu collega, o visconde de Villa Nova da Cerveira, e ainda depois em 1786 recebeu a valiosa commenda da villa do Torrão.

A 11 de março de 1786 falleceu este fidalgo que, se pela sua vida

investigador—eis os toques caracteristicos de minha prima Marianna da Cunha e Menezes, que é uma rapariga ás direitas. Se eu tivesse de ser mulher, gostava de ser assim.

Minha prima é muito estudiosa e tem sempre grandes desejos de saber; por isso quando lá me tem em casa não me deixa, martyrisa-me com mil perguntas que lhe sabem como torrente ha muito represada, a que por um momento se rompem os diques. Ainda assim, eu gosto bastante d'ella e ás vezes folgo em poder explicar-lhe algumas difficuldades que encontra no seu estudo.

Um dia, por ver sobre a meza da sala um fragmento d'uma arvore coralleira que tinham dado ao tio, lembra-se de me perguntar uma infinidade de coisitas sobre a natureza, origem, desenvolvimento do coral...

Disponha-me a dar-lhe algumas noções sobre isto, quando nos chamaram para jantar.

—Ficará a explicação, minha querida prima, para depois do jantar, quando fôrmos dar o nosso passeio favorito pela beira do mar; convem-lhe?

—All right, respondeu ella; e agora vamos para a meza.

(Continúa)

Makoum.

Todas as tardes passeio na rua do Ouro, das duas horas ás trez e

politica não adquiriu jus aos louvores da posteridade, tem contudo direito á veneração dos que se interessam pelo progresso dos conhecimentos humanos, porque, cultivando como curioso as sciencias naturaes, ajudou com o seu favor os que d'ellas faziam o seu estudo predilecto, e chegou a formar no seu palacio um rico museu que era admirado como uma das curiosidades de Lisboa n'essa época.

Se acreditarmos o testemunho de um escriptor do seculo passado, foi ainda o marquez d'Angeja, que mandou plantar e creou á sua custa o primeiro jardim botânico que houve em Portugal.

D. José Xavier de Noronha Camoens de Albuquerque de Sousa Moniz 4.º marquez d'Angeja nasceu a 24 de Abril de 1741.

Seguindo a carreira militar chegou á elevada graduação de marechal do exercito. Foi Conselheiro d'Estado e do Conselho supremo militar e de justiça no Rio de Janeiro para onde embarcou em 1807 acompanhando D. João 6.º Exerceu o cargo de Presidente do Desembargo do Paço e da Meza da Consciencia e Ordens. Foi governador das armas da Corte. Além dos titulos herdados de seus antepassados foi gentil-homem da Camara da Rainha D. Maria 1.ª, e da gran-cruz das ordens de S. Thiago e de Torre-Espada.

Falleceu a 27 de dezembro de 1811, ficando herdeiro do titulo seu filho D. João, porque o primogenito, D. Pedro, que foi o 5.º marquez de Angeja, e coronel do regimento de cavallaria do Caes, o precedera no tumulo em 1804.

(Continua).

Paula Quaresma.

NOTICIARIO

Melhoras. — Tem experimentado bastantes melhoras em Angeja o nosso amigo sr. Antonio Joaquim de Freitas.

Estimamos os seus alivios.

Passagem. — Passou ha dias em Angeja, em direcção á Oliveirinha onde foi visitar seu mano o sr. Francisco de Castro Mattoso, a ex.ª sr.ª D. Antonia Augusta de Castro, mana do sr. conselheiro José Luciano, presidente do ministerio.

Sua ex.ª tanto na ida como na vinda por Angeja, demorou-se bastante tempo em casa das suas particulares amigas, as ex.ªs sr.ªs Paulas Quaresmas.

Chegada. — Chegou ante hontem a Lisboa vindo dos Açores o sr. juiz Vasco Leão. Sua ex.ª veio tomar assento na camara alta para que fora ultimamente eleito.

Enfermidade. — Acha-se incommodo o sr. Annibal Vasco Leão. Desejamos as suas melhoras.

Principe Hohenzollern. — Veio ao Porto hontem á noite, da sua digressão pela provincia do Minho, o principe Leopoldo de Hohenzollern, que era acompanhado pelo conde de Bergh e do consul allemão Katzenstein. S. A. andou segunda-feira por varios pontos da cidade. O conde de Tarouca, por incommodo de saúde, não acompanhou S. A.

Ao jantar assistiram os dois companheiros e mais o dr. Koch, seu medico, com quem partiu segunda á noite e o sr. de Bergh para Lisboa.

Estada. — Está em Lisboa o sr. bispo-conde.

Pontes Pereira de Mello. — A subscrição para o monumento que se hade erigir ao eminente estadista portuguez está já em 3 contos de reis, o que prova o quanto o paiz sabe avaliar os serviços que lhe prestou esse illustre extinto.

E' provavel que augmente em pouco o bastante para se poderem principiar os trabalhos.

Francezes e allemães. — A prisão do commissario de policia Schnaebalé pelas auctoridades allemãs, em territorio allemão, segundo estes dizem, tem causado impressão em França.

Os jornaes inglezes louvam a cordura da linguagem dos jornaes de Paris sobre este ponto.

Os allemães dizem não ser de gravidade o facto e alguns francezes suppõem que os allemães não se furtarão a dar as explicações necessarias sobre o caso, satisfazendo do melhor modo a dignidade dos francezes, que estes suppõem ultrajada.

Será bom que o caso não passe d'aqui, o que poderá ser, se bem que ás vezes de uma faisca procedem os grandes incendios. Paz é o que desejamos.

Viagem illustre. — Suas altezas os duques de Bragança tencionam partir nos principios de junho para Inglaterra onde assistirão ao jubileu da rainha Victoria.

Diversões. — Resolvemos publicar em folhetim a continuação do artigo, que com este titulo sahira na secção litteraria do numero anterior.

Epoca-balnear. — Na proxima época de banhos vão estabelecer-se carruagens de char-à-bancs entre o Porto, Granja e Espinho.

Tentativa de filicidio. — Domingo foi salva do Tejo uma creança recém-nascida, que a mãe alli havia lançado. A criminosa conseguiu evadir-se.

Porto de Leixões. — Ha já iluminação electrica nas obras d'este porto. Trabalham alli actualmente 1:900 operarios.

Fea de Queiroz. — Retira hoje de Lisboa para Bristol, este nosso illustre romancista.

Projecto. — O sr. ministro da fazenda tenciona apresentar ao parlamento uma proposta tendente a abolir todos os direitos de portagem das pontes.

Chegada. — Chegou hoje ao Porto o explorador Serpa Pinto.

Agricultura. — Confirma-se já a noticia da criação d'uma caudalaria nacional annexa á quinta central de agricultura em Coimbra.

Chafia. — Não saiu eleito como se esperava do ultimo conclave dos vultos do partido regenerador, o sr. Andrade Corvo para chefe d'este partido.

Elegeram uma commissão composta dos snrs. Serpa, Corvo, Lopo e Barjona e Hintze que ficou encarregada de indicar o futuro chefe. Falla-se bastante em que a escolha recaia no sr. Antonio de Serpa. Já é tempo de elegerem um que os governe.

Recusa. — Quasi todas as nações monarchicas se tem recusado ao convite da França o fim de se fazerem representar na exposicão de 1889.

Declaração. — Constando-me que alguém confunde os meus escriptos assignados — Reynaldo Rangel de Quadros — com os de meu tio José Reynaldo Rangel de Quadros Oudinot, declaro que, passo de hoje para o futuro a firmal-os com

o nome de Vidal Oudinot, não deixando de assumir a responsabilidade dos escriptos até hoje publicados com o nome de Reynaldo Rangel de Quadros.—Porto, 24 d'Abril de 97.—Reynaldo Vidal Rangel de Quadros Oudinot.

Queixa. — Consta-nos que o procedimento d'um tal Eduardo Pedreira, actual sub-chefe da estação do Pinheiro, está sendo o mais reprehensivel que julgar se pode.

Bom seria que o digno director dos caminhos de ferro do Minho e Douro ordenasse a immediata transferencia d'este empregado, que, segundo nos parece, nem mesmo tem a consciencia do lugar que exerce.

Curiosidade. — Um amator de estatistica calculou que de 2:540 imperadores e reis, que até ao presente tem havido, 300 foram expulsos pelo povo, 64 abdicaram, 24 suicidaram-se, 12 enlouqueceram, 100 morreram, 123 foram aprisionados ou depostos, 25 foram martyrisados, 151 foram assassinados e 108 foram julgados e condemnados á morte.

Consortio. — Consortiou-se ha dias em Aveiro o nosso amigo e collega, sr. Firmino de Vilhena d'Almeida Maia, um dos redactores do *Campeão das Provincias*, com a ex.ª sr.ª D. Benedicta da Fonseca Regalla, filha do sr. Luiz da Fonseca Regalla, um dos primeiros facultativos do districto d'Aveiro. As qualidades que ornão o coração dos nubentes e a sua aprimorada educação são garantia d'um enlace auspicioso. As nossas sinceras felicitações, apeteendo-lhes um futuro venturoso.

Casal Ribeiro. — Este illustre titular parte brevemente com sua ex.ª esposa para a capital do reino visinho.

Um menino de 37 annos. — Sabbado ultimo foi baptisado em Braga, na igreja da Sé, um italiano d'esta idade, o baptisando teve o nome de Innocencio. E' um trabalhador de minas, filho de mãe catholica e pai lutherano. Como era de esperar, houve enorme concurrencia de curiosos ao acto.

Duque Montempsier. — S. M. o nosso rei presenteou o illustre orleanista com uma caixa de rapé d'ouro, cravejada de diamantes, com uma dedicatória na tampa, gravada por D. Luiz.

Exame. — Fez ha dias em Aveiro exame de instrucção primaria o sr. João Martins de Pinho, irmão do nosso amigo José Martins de Pinho, natural de Frossos.

As nossas felicitações ao sr. João M. de Pinho, porque, tendo uma idade bastante avançada, dedicou-se ao estudo com o fim exclusivo de se instruir.

Os nossos fundos em França. — Com a reacção goral o credito portuguez baixou a 55 ⁵/₁₀₀. Comunicam de Paris que as finanças de Portugal vão melhorando, mas não é ainda tempo por ora de conhecer a situação. Pouco a pouco os effeitos se manifestarão.

THEATROS DO PORTO

Principe Real. — Deixou-nos indelveis recordações a noite de 3.ª feira 19 do corrente. Foi a recita da companhia do theatro de D. Maria, em beneficio da Creche.

Levaram a comedia em 4 actos — O Marquez de Villerem — uma co-

media esplendida, fina. Dizer que esse grupo admiravel de artistas incomparaveis nos deixou encantados e que foi um verdadeiro successo para o Porto, é desnecessario por que não ha ninguem que não tenha ouvido fallar d'esses talentos chamados,—Brazão, Virginia, Rosa Damasceno, Carolina Falco, João Rosa e Silva Pereira.

Não podemos deixar de fallar n'esse rapaz tão sympathico e tão querido que trocou os bancos da Universidade pelos revezes do palco; fallamos de Ferreira da Silva. A sua entrada no palco foi um triumpho foi uma ovação espontanea feita por aquelles que foram seus condiscipulos e amigos. Recitou duas poesias admiravelmente.

* *

Realisaram-se n'este mesmo theatro os dois concertos por trez celebridades — *Materna, Stepanoff e Neusser.*

Stepanoff, pianista distinctissima, interpretou as musicas mais difficeis com uma agilidade, uma perfeição, uma naturalidade, uma expressão incomparaveis. No concerto de segunda-feira quando terminou o primeiro tempo do grande concerto de Berthoven acompanhado a grande orchestra, a plateia sentiu fremitos d'enthusiasmo e levantou-se em pezo n'uma ovação estrondosa. E depois a grande pianista é tão formosa...!

Neusser, violinista que não parece violinista pois esse instrumento rebelde nas mãos d'ella não é um violino.

As notas saem com uma nitidez, perfeição, e clareza, com tanta suavidade que nos faz vibrar todas as fibras da alma.

Bach, Saint-Saens e Gounod tiveram em Neusser uma interprete como talvez não haja outra.

Materna, a sublime cantora, tem uma voz fresca, bem tinbrada com esplendidos agudos.

Nunca ouvimos cantar a Ave-Maria de Gounod d'aquella maneira tão primorosa. Foi simplesmente pasmoso! As canções Schubert, Sucher e Esser foram interpretadas maravilhosamente; grata ao entusiastico acolhimento que teve repetiu as duas ultimas canções.

O Porto recebeu este famoso trio como merecia no meio d'um bouquet de palmas e bravos, e deixou-as ir no meio tambem de um bouquet de palmas bravos e... saudades!

Theatro Camões.

O leitor sabe o que é a maior chuchadeira, a coisa mais indecente, mais pifia e mais vergonhosa? Sabe o que é? Pois olhe, se não sabe vá ao theatro Camões vêr — *Os manipuladores de tabaco* — Declaramos-lhe que vem de lá enojado e com uma indigestão de somno.

* *

Para maio vamos ter a companhia do theatro do Gymnasio de Lisboa; fazem parte d'ella os nossos dois conhecidos e queridos actores Soller e Gama.

*

Para o Principe Real dizem que vem uma companhia de zarzuella. Bem vinda seja.

*

O grande Coquelin está assombrando o indigena lisbonense.

Nos papeis do *Tartufo* e no de *Marquis nas Precieuses ridicules* arrancou entusiasticos applausos á plateia.

Thalcave.

SECÇÃO LITTERARIA

AUSTERLITZ

(Continuado do n.º 6)

No 1.º de dezembro, do alto do seu acampamento, Napoleão viu com grande alegria que o exercito moscovita começava movendo o flanco, a dois tiros de canhão dos postos avançados francezes, no sentido de cercar-lhes a direita: então Bonaparte fez uma verdadeira ideia da presumpção dos russos e do pouco conhecimento que tinham da arte da guerra, o que o levou a dizer muitas e repelidas vezes:

«Antes d'amanhã á tarde, este exercito será meu.»

Os russos entretanto, fiados nos seus recursos reaes ou imaginarios, isto é, de numero e pericia, desfiliavam a tiro de pistola dos postos avançados dos sicambros, com destino a envolvel-os n'uma linha de sete leguas.

Kutusof, general em chefe do herdeiro de Rurik, vendo a immobilitade do exercito inimigo, alimentava ainda a esperanza de que lhe não escaparia, segundo os seus planos e fazia o seu possível por isso: enquanto Napoleão, para o fazer crer menos tibiamente no receio que experimentavam as suas hostes na frente de tão poderoso inimigo, ordena a seu cunhado, o general governador militar de Paris, príncipe Murat, futuro gran-duque de Berg e rei de Naples, que avance até á planicie com um pequeno corpo de cavallaria e retrograde logo depois, recolhendo a toda a pressa, como quem está admirado e receioso das forças inimigas, o que n'estas, como em seus chefes, produziu o effeito, tão bem calculado pelo novo Carlos Magno.

N'este dia, era, como sabemos a vespera do anniversario da coroação ou estava-se na tarde do 1.º de dezembro, dia, que, se é de gloriosa memoria para os fastos militares dos sicambros, não menos é para os portuguezes, que festejam n'esse dia o anniversario da sua independencia e separação da coroa de Castella, por uma revolução das mais admiráveis, de que offerece exemplo a Historia e em que poderiam beber 149 annos mais tarde os homens de 89, os revoltosos de Paris, os demolidores da Bastilha para que se não produzisse a época sanguinaria, atrocissima e inqualificavel do Terror e de 93.

Se os francezes têm a gloria de dar o primeiro impulso á locomotiva social, citados! custou-lhes bem cara!

Estava-se pois na tarde do 1.º de dezembro e seguiu-se-lhe uma noite, que não fez excepção ás noites, que quasi sempre costuma haver em tal estação do anno: uma noite fria e sombria, sem luar e sem estrellas, em que só havia calor e vida no ardor dos soldados de Bonaparte, que esperavam anciosos o dia, em que provariam seu valor aos russos, com que estavam prestes a bater-se.

Napoleão tinha entrado na sua cabana de ramos e deitou-se na palha, como se fosse no thalamo do palacio de Saint-Cloud, pois dormiu profundamente, devido tambem ao cansasso com que estava, pela grande actividade, que tinha desenvolvido.

O general Savary, seu valido, para dar-lhe conta d'uma missão, de que o tinha encarregado, teve de tocar o hombro do imperador para despertá-lo: Bonaparte levantou-se logo, montou a cavallo e quiz ir examinar os postos avançados, visitar os soldados e julgar por si proprio da sua

disposição moral. Note-se de passagem que diz A. Hugo que o rival de Jorge III fôra fazer a pé e incognito esta digressão, visitando assim todos os acampamentos.

Dados apenas alguns passos, Napoleão foi reconhecido e de repente como que por encanto foram as trevas da noite combatidas por immenso e subito clarão.

Os primeiros, que o avistaram, lembrados que o dia seguinte era o anniversario da coroação, para celebrarem o facto e mostrarem a sua dedicação a Napoleão, juntaram a palha do seu acampamento e formaram tochas illuminadas, que collocaram na extremidade das espingardas; o exercito inteiro se apressou em seguir-lhes o exemplo e assim cem mil fachos brilharam simultaneamente nas baionetas das hostes napoleonicas, illuminando o grande general e fazendo distinguir o seu vulto n'uma noite, cuja profunda escuridão, quebrada só pelo fogo do inimigo, que penetrava o ceu profundo e sombrio com bruxuleante clarão, não permittia ver a dois passos de distancia.

Ao mesmo tempo que o acampamento francez era assim illuminado, as musicas dos regimentos atrovavam os ares com notas alegres d'entusiasmo e as tropas gritavam em voz alta em aclamações espontaneas, despertando o acampamento ao longe dos moscovitas, que começavam vendo n'estes regozijos da vespera talvez senão a celebração, ao menos o prenuncio da victoria do dia immediato.

Alguns, senão muitos filhos de Rurik e Rodolfo I, de Hapsbourg, assomaram aos pincaros dos montes que occupavam, levados da curiosidade d'observar o que se passava no campo dos guerreiros de Clovis.

Cegos e confiados no seu valor e pericia militar, que não tinham, porque a maior parte não tinha assistido ainda nem talvez a alguma escaramuça, os barbaros scythas e os teimosos austriacos saíram como que d'um sonho, vendo a grande illuminação e o vozear do campo dos francezes e ouvindo-os gritar a plenos pulmões distinctamente:

—Viva o Imperador! viva Napoleão! viva o nosso invencivel general!

E todo o exercito, cem mil vozes repetiam, muitos na vespera de morrer, n'um tom uniforme, unisono, trovejante:

—Viva! viva!...

E Napoleão, ao som das musicas e aclamações, assim illuminado, percorreu toda a linha e ia dirigindo a palavra aos soldados, que reconhecia, sensibilizado por estas provas da sua dedicação e acompanhado dos seus marcheães, detendo-se a cada passo para os ouvir, fallar e rir com elles.

«E' a vossa festa, dizia um; hoje a illuminação, amanhã as flores.»

—«Batalha ás 7 horas, exclamava outro; ao meio dia a victoria!»

—«Combatamos os russos, gritavam todos: hoje! hoje mesmo, esta noite! levai-nos á gloria! á baioneta!»

—«Desalojemos o inimigo das suas alturas!»

—«Sim! ataquemol-o já!»

—«Já! já! eia! marchemos! á batalha!»

E' impossivel descrever o desejo de combate que tinham os francezes n'esta noite memoravel: a impaciencia, o ardor dominavam-os e cada um manifestava a sua vontade ardente, vehemente, impetuosa pelas mais extravagantes, desconformes e energicas proposições.

«Sede amanhã, meus bravos, lhes dizia Napoleão, taes como tendes sido sempre e os russos serão nossos, pertencer-nos-ão!»

Os soldados seguiam-no e o ar resoava com os seus gritos e aclamações:

—Viva o Imperador! viva o Imperador!

Promettiam no dia immediato mostrar-se dignos d'elle e de si mesmos e até um bravo granadeiro, já velho, ousou approximar-se de Bonaparte e dizer-lhe com uma familiaridade, propria a evocar recordações dos tempos antigos:

«Senhor, tu não terás necessidade de expor-te. Não precisarás mais que ver-nos combater e eu te prometto, em nome dos granadeiros do exercito que, para celebrarmos o anniversario da tua coroação, amanhã nós te levaremos as bandeiras e canhões dos russos.»

Emquanto Napoleão ia assim animando com sua presença e palavra o espirito dos soldados, que não muito careciam d'isso e passava d'acampamento a acampamento, viu alguns soldados occupados em assar batatas debaixo da cinza.

Os viveres haviam faltado ao exercito havia 48 horas e n'aquelle dia não se havia distribuido mais que um pão de munição para 8 homens: Napoleão, ao passar diante do 4.º regimento de linha, cujo seu irmão era coronel, disse a um granadeiro do 2.º batalhão, pegando n'uma batata e comendo-a:

«Estás contente com estes pombos?»

—«Hum! isto sempre vale mais que nada; mas estes pombos são agora como carne de quaresma,» respondeu o soldado.

—«Pois bem, meu velho, lhe disse Napoleão, mostrando ao granadeiro as alturas e o clarão do acampamento inimigo, ajuda-me a derrotar aquelles patifes e nós comeremos terça-feira gorda em Vienna.»

A visita de Napoleão foi longa, elle entrou no seu acampamento á meia noite e os ares estrugiam com gritos e vozear exclamatorio:

—Viva o Imperador! viva Napoleão! viva o nosso invencivel general!

Tocado de semelhante scena, Bonaparte disse aos seus, ao entrar na sua barraca:

«Eis o mais bello serão de minha vida, mas custa-me a pensar que amanhã perderei bastantes d'estes bravos.»

Das alturas que occupava o exercito inimigo tinham sido facilmente distinguidos o clarão e o vozear exclamatorio das phalanges bonapartistas e n'um pequeno numero de officiaes, mais prudentes que a nobreza do czar, e não menos sabios que o velho Kutusof e o príncipe conselheiro Czartorski produziram uma dolorosa impressão: elles perguntavam entre si reciprocamente se aquelle fogo de tantas luzes e as exclamações entusiasticas de tantos soldados não seriam o signal da derrota e confusão d'um exercito humilhado, batendo em retirada.

Napoleão, tendo visitado pouco depois os seus postos avançados, soube o que elles tinham podido descobrir do movimento dos russos: durante a noite tinham-se apresentado patrulhas inimigas á direita dos francezes, nas aldeas de Telnitz e Sokolnitz e para o mesmo ponto ia marchando a artilheria russa.

(C)

Se este amor é chamma ardente,
Que tu oh virgem inflamas,
Estava sempre contente,
Se sempre vivesse em chammass.

Almeida Pinto.

SONETILHO

(A JOSÉ COUCEIRO DA COSTA)

Esses murmurios d'esp'rança
Dos beijos que tu me deste,
Foram suspiros, creança,
Da tua bocca celeste...

Possuo tambem a trança,
Que um dia tu me off'receste,
Feita da aurora, da esp'rança,
Feita da luz que a reveste.

E sonho tanto com ella,
Com essa trança singella,
Com esses beijos sidereos!...

Que quero morrer, Senhor,
Beijando a trança d'amor,
Sentindo os beijos ethereos...

Vidal Oudinot.

JUIZO E EDUCAÇÃO

LEITORAS celibatarias, affastai-vos e permitti que vossos pais me attendam; pois, ainda que nada percaes com a leitura d'este capitulo, elle não vos é dirigido.

E' muito grave, muito frio.

Como que trata do mais grave e frio da vossa vida.

Se não quereis enfastiar-vos muito, affastai os olhos e deixai que vossos paes prestem attenção.

O juizo da mulher tem sido thema de infinitas discussões.

Prova que é questão difficil.

E declaro que vale mais mulher lonca que mulher que perde o juizo.

Na minha opinião, a falta de juizo e a loucura são coisas muito distinctas.

O ser cujo sentido se transtorna d'um modo involuntario, e faz sem saber o que faz, diz sem saber o que diz, e sente sem saber o que sente, é o verdadeiro louco.

O ser, cujo pleno entendimento não soffre especie alguma de transtorno, e procede mal sabendo o que faz, maldiz sabendo o que diz, sente mal sabendo o que sente, é o que ha perdido o juizo.

E n'isto de perder o juizo ha muitas maneiras de o perder.

As mulheres perdem-n'o, em geral, por essas loucuras que se chamam interesse, ambição e luxo.

Luxo, ambição e interesse, são filhos da vaidade. A vaidade descende em linha recta do amor proprio.

Porém, não d'esse amor proprio natural, necessario e justo, mas d'esse outro bastardo, parente do egoismo e da tollice. Este é a origem de todos os males. Se procurarmos origem a esta origem, seguramente deparamos com a educação. E a educação depende dos paes. Logo são elles a fonte d'essas origens. Vede por aqui como os pais são os culpados de que seus filhos percam o juizo.

Eia, pois, attendei, paes de familia.

Já que sois os unicos responsaveis, já que as más inclinações dos vossos filhos procedem da boa ou má direcção de seus principios, já que, quando conheceis o mal, não é possível remedial-o, procurae evital-o.

A picadura d'uma vibora pode não ser mortal, remedeando-se de prompto; porém, acudindo tarde, tudo é inutil.

Se tendes a desgraça de que vossos filhos apresentem má inclinação, fazei de conta que os ha picado uma

vibora e corrigi o mal em seu devido tempo.

Em muitos casos viciaes as suas qualidades, por não lhes dardes a direcção conveniente.

Eu creio que um pae deve ser mais que um homem.

Creio que não deve olhar as coisas como os homens, mas sim, por cima d'elles.

Hoje encerra-se a educação dentro d'um collegio. Ler, escrever, contar; uma arte, uma sciencia, um officio; esta é a educação dos meninos.

Costurar, bordar, fingir; um adorno, uma habilidade, uma graça: esta é a educação das meninas.

Porém, tudo isto não é educação; é ensino; é a atmosphera d'onde a educação deve emanar.

Muito mais alto está a maneira de ver, de pensar e de sentir; ensino que se não aprende em collegio algum, que se infiltra no coração dos meninos, segundo os costumes, palavras e exemplos de seus paes.

Educam-se todos os homens do mesmo modo, quando cada qual requer educação distincta.

Distinga-se o que educa do que instrue. Uma arte, uma sciencia, um officio podem ensinar-se a todos de baixo das mesmas regras, porque é o homem que vai dominar o estudo, e ha principios exactos para dominar-o. Porém a educação, que ha de dominar o homem, carece de regras fixas.

O homem é o molde em que ella ha-de vasar-se. Não ha mais que uma para cada um. Se se lhe dá outras o homem desvia-se e sae do seu caminho.

Calçae um sapato, que seja grande ou pequeno.

De todos os modos caminhareis mal. Cada homem tem no pé a unica forma do seu sapato, e em si mesmo a unica forma da sua educação.

Tenho-vos fallado dos homens cuja educação é pouco cuidada, para comparal-os com as mulheres que educamos menos. Precisamente abandonaes o ser que mais necessita de soccorro.

Perdoa-me esta comparação que, ainda que dura, é muito verdadeira: os paes d'hoje fazem por seus filhos nem mais nem menos que aquillo que, qualquer irracional faz pelos seus.

Os gatos da minha casa alimentam, cuidam e defendem seus filhos até que possam sustentar-se.

Os paes do nosso seculo fazem o mesmo a suas filhas, até que alguém as tome a seu cargo.

Certo é que aprendem incompletamente a fallar e aprendem algumas outras frioleiras, porque emfim são pessoas, porém aquillo a que se chama coração e a que chamamos alma, sae das mãos dos paes tão ás escuras como das mãos dos gatos.

A mulher do seculo 19 educa-se de per si, a seu gosto, com a mais completa liberdade na maneira de ver, de pensar e de sentir. Raras vezes se lhe diz:—isto é bom ou é mau.

Raras vezes sabe o que a prejudica e o que lhe convém.

Menos feliz que o homem, nem ainda se lhe permite escolher occupação.

Piano, desenho, costura,—alguma lingua, equitação e um par de adornos frivolos constituem os conhecimentos da mulher de educação mais esmerada, segundo as praticas do dia. Pouco mais ou menos esta é a instrução de todas.

Quanto ao mais... democracia pura. E' isto educação?

Educa-se assim uma mulher?

Não são eguaes todos os homens e quereis que sejam todas as mulheres?

Custa a regular o ensino d'um

homem, não educado, muitos annos e muitos dispendido, e quereis educar a mulher em quatro dias!

Attendei, attendei, paes de familia.

Não temais o grande dispendio em educar vossas filhas como se deve.

A verdadeira educação fica muito barata.

Só requer alguma paciencia, juizo e carinho paternal.

Vamos dar a vossas filhas esse primeiro esposo de que nunca poderão divorciar-se.

Esposo tão duradoiro como sua existencia e que hade ser a causa ou de sua felicidade ou de sua desgraça.

Fóra, leitoras! Já vos haveis aproximado ao ouvirdes a palavra *esposo*. Fóra! Fóra!

E vós outros, paes, acercae-vos outro poucochito e escutae.

(Trad.) R. S.

N'UM ALBUM

Pedis-me, senhora, uns versos
Quer endeixa ou madrigal,
Mavioso trilo d'amor
Ou trova sentimental...

Mil escusas a Vocencia.
—Exigir um tal pedido
Ao estro averso ao ideal,
Senhora—é tempo perdido.

Acalentos, myosotis,
—Iris d'ethereo palor—
Pedi... e quantos quizerdes.
Versos?... Não sou trovador.

Sementae n'esta alma sceptica
A esp'rança, e quando ao florir
Dir-me-hei então poeta
E versos... os que pedir.

C. Guimarães.

MIXTOS

a. Firmão do Vilhena

E's bem feliz, amigo!...
Emquanto que eu tristonho,
Vejo morrer commigo
O meu ideal bisonho!...

E's bem feliz!... Bemdigo
Esse adoravel sonho,
Do teu ideal abrigo,
Do teu sonhar risonho!...

Eu... na alma a saudade!...
E tu a realidade
Dos meigos sonhos teus!...

Este meu sonho célico,
N'um rir pantagnélico,
Vae-se evolvendo aos ceus!...

Porto—87. Vidal Oudinot.

NO BAILE DO CONSELHEIRO

ERAM dez e meia quando cheguei.

Tinham já dansado phreneticamente, o que notei pelo aspecto afogueado, a destillar, d'aquellas santas creaturas que alli estavam reunidas.

Depois de ter apresentado os meus respeitos ao dono da casa, o conselheiro Fagundes, homem franco e alegre apesar da sua idade, atre-

lei-me a uma matrona gorda e anafada, que passou na minha frente em busca de lugar, e fomos passeiar, de braço dado, em torno do salão; eu desesperado já por uma companhia com quem pudesse examinar os rostos d'aquelles typos alambicados, os funambulescos papás, aquellas ternas mamãs, as serigaitas das filhas e finalmente as solteironas... tias.

A senhora gorda, que levava pelo braço, julgo que era a primeira vez que em taes talas se tinha visto, por que fazia-me um tal peso que, por mais d'uma vez, me deram tentações de a encommendar ao diabo; mas fui tendo paciencia porque via tudo entretido e eu queria alguém com quem fallar.

Emfim dirigi-lhe a palavra:

—Vossencia desculpe-me a indiscripção do assumpto em que desejava o seu parecer, mas, não reparou ainda na *toilette* d'aquellas tres senhoras horrendas, que estão reunidas áquelle canto... que mau gosto, não acha?

A matrona enguliu em secco tres ou quatro vezes antes de responder, o que me fez agitar as pulsações, e respondeu muito descansada:

—E' verdade, estas aquellas minhas manas *num* se querem fiar no que *le* eu digo e ao *depois* fazem *munto* más figuras.

Foi o bastante. Não lhe dei tempo a dizer-me mais nada, pois aquella resposta, apesar de selvatica, em que me dizia ser irmã das outras, tinha produzido, em mim o effeito d'um choque electrico.

Deixei-a bruscamente sem lhe poder responder, desculpando-me, e ella ahi vae segunda vez procurar logar entre as outras senhoras, provavelmente contar o succedido commigo. Eu allucinado, entro na sala contigua ao salão, onde quatro *antiquidades* conversavam enthusiasmados sobre as guerras do D. Miguel. Pedi licença e sentei-me ao pé d'elles. Olhavam desconfiados para mim, (um intruso que devia talvez ignorar as suas opiniões politicas), e começaram a palestra que passou a versar sobre a historia de Carlos Mano e da formosa *Mangalona*, como elles diziam.

Entretanto recobrei animo, deixei-os a cavaquear, e ahi vou salão a dentro.

Dansava-se uma quadrilha. Sentei-me junto a um reposteiro a observar aquellas machievêlicas figuras, uma das quaes, de vez em quando e em voz aflautada, interrompia mudez com um:

—Trez versos, *chá de damas*, e *chevalières á góxe* e as *damas á druate*.

Terminou.

Retomavam os seus logares. Ao pé de mim sentou-se uma joven de aspecto bello, muito sympathica, de vestido cor de rosa.

Perguntou-me porque não dansei, se estava encommoado, se queria tomar alguma coisa, e por fim disse-me:

—Finge ainda não perceber os ternos olhares que lhe dirigia a cada instante? Não me ama? Ah! como sou infeliz, se me não dá uma esperança!

Eu seriamente embasbacado com aquella declaração femenil, á queima roupa, passei a mão pela testa á procura da rhetorica de Cupido, emudecendo por minutos.

—Não sacrifique por mais tempo esta anciedade; me diz ella.

—Oh! minha senhora... eu, se ainda não respondi, é porque nunca me julguei digno do vosso amor... ficae certa de que vos amo, e muito...

Creio até que o meu coração não foi feito para outra pessoa...

Ella fez-me designar o dia para uns *rendez-vous*, e, pedindo-me licença, retirou-se, atravessando o salão e dirigindo-se para as trazeiras da casa. Talvez fosse satisfazer alguma vontade muito philosophica e eloquente.

Eram duas horas da madrugada.

Não me queria retirar sem contar a minha proeza ao dono da casa, e n'essa intuição dirigi-me a elle, ao mesmo tempo que a tal joven voltava e que, vindo-me a fallar com o conselheiro, lançou-me um olhar repleto d'amor e sentou-se ao pé d'umas amigas.

—Conselheiro Fagundes, lhe disse eu, não quer saber? — Aquella apreciavel joven fez-me agora uma declaração d'amor.

—Qual?

—Aquella de vestido cor de rosa.

—Oh! diabo, essa é minha mulher!

«Tableaux». Almeida Pinto.

DEVANEIOS

(A VIDAL OUDINOT)

Tantas flores na campina,
Nos astros tanto fulgor...
Só minha estrella declina,
Só desmaia a minha flor!...

Lyrio, brotaste entre a neve
Do meu triste coração,
P'ra que me foges tão breve
Deixando-me a solidão?!...

Não viste accaso em meus olhos,
Aquella pallida luz
Que n'esta vida d'abrolhos,
Tanto martyrio traduz!...

Não viste, depois não viste
A mesma luz se animar?...
E no semblante do triste
Uma esp'rança assim brilhar?!...

Eras tu! Era a bonança,
Entre a procella a sorrir,
Era um rosto de creança,
Em minh'alma a reflectir...

Já que não quer o destino
Que eu tenha um sol n'esta vida,
Um sorrir teu crystallino,
Uma aurora indifinida,

Pois seja! Mas a lembrança,
Do teu sorriso d'Ophelia,
Eu nunca o olvido, creança,
Oh! minha lactea camelia!...

Porto—1887. Alberto da Rocha.

AMOR E TRISTEZA

(A VIDAL OUDINOT)

Amo-te, querida, ouviste?
Não te esqueço um só momento,
E trago no pensamento,
A tua imagem bella e triste.

O teu amor era a esp'rança
Que me sorria fagueira;
Mas dissipou-se ligeira,
Como una nuvem, creança.

Veio a descrença e o sonhar
Levou-me ao soffrer mais triste,
Mas nunca esqueço esse olhar
Feito da luz da amethiste.

Abril—87. José Dordio.